
Reminiscências de uma fotografia: fragmentos da construção histórica do Distrito de Góes Artigas - PR¹

André Luiz Justus CZOVNY²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Cada vez mais cresce o uso de fotografias como ferramenta de pesquisa para recuperar dados históricos de lugares. A partir de um acervo fotográfico reunido pelos moradores do Distrito de Góes Artigas, na região centro-sul no Paraná, imagens comunicam a história de um lugar que carece de pesquisas acadêmicas e estudos da região. De grande importância entre 1950 até 1983, por causa da Estação Ferroviária de Góes Artigas, hoje o Distrito busca alternativas para contar a sua história. Assim, esse trabalho propõe um primeiro passo através de uma foto desse acervo, aliando a metodologia do ‘Uso da Fotografia Como Disparadora do Gatilho da Memória’ com um pioneiro da comunidade, sendo possível observar como o Distrito pode ser considerado um lugar de memória e pertencimento, onde suas fotos “são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia” (SONTAG, 2003).

Palavras-chave

Fotografia; Memória; Distrito de Góes Artigas; Gatilho de Memória;

Introdução

A leitura de imagem sempre fez parte da história humana. Seu início se dá na pré-história, onde as pinturas rupestres retratavam situações do grupo social da época. Com o passar do tempo, as manifestações primitivas foram otimizadas, chegando até as pinturas e fotografias, as quais não são isentas de sentido, informação ou valor.

A mensagem fotográfica é composta por códigos abertos e contínuos, sendo que, conforme Boni (2000, p. 13), “os códigos são considerados abertos porque sempre permitem várias leituras. E são contínuos porque sempre permitem, a todos, novas releituras”, ou seja, sem símbolos preestabelecidos. Sendo assim, a fotografia sempre apresenta um novo ou outro olhar sobre algo, da qual qualquer pessoa com o sentido da visão extrairá alguma mensagem.

No entanto, Kossoy (2001, p. 152) lembra que a fotografia não pode ser entendida como um “espelho do real”, por causa de suas ambiguidades. O que faz,

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: andrejustusc@gmail.com

então, com que se crie uma realidade própria, à qual o autor chama de segunda realidade, relacionada com as referências e lembranças pessoais de cada observador.

É por meio desse entendimento que se busca resgatar memórias que vão se perdendo, como no caso do Distrito de Góes Artigas no Paraná. Neste sentido, busca-se a sintonia entre imagem fotográfica e história oral, aliando ambas para a recuperação de dados e construção de novas histórias.

Deste modo, esse artigo apresenta e analisa uma fotografia da região, datada de 1961, buscando entender a memória por trás da imagem, utilizando a proposta metodológica do Uso da Fotografia Como Disparadora do Gatilho da Memória, trabalhada no grupo de pesquisa Comunicação e História, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a qual propõe que fotografias sejam apresentadas em entrevistas, de modo que tais imagens possibilitem novas recordações aos entrevistados, uma forma de recuperar fragmentos de uma história.

O pouco que se sabe sobre o Distrito

Góes Artigas é um Distrito do município de Inácio Martins, situado na região centro-sul do Paraná, às margens da PR 364, ligando as cidades de Irati e Guarapuava. Uma comunidade rural vizinha de outros distritos rurais como Colônia Alemanha, Faxinal do Posto, Pinheira, Terra Cortada e Papagaios.

Sua formação se deu aproximadamente entre 1940 e 1950³ e era conhecido como Iratizinho. Durante esse período, serrarias encontraram uma vasta região de recursos florestais, sendo o Pinheiro do Paraná, Imbuia e Erva-mate alguns exemplos.

Com as empresas encontrando grandes espaços para a exploração, a região começava a se moldar com as primeiras famílias⁴ e uma comunidade começava a ganhar vida. Com a exportação de erva-mate e madeira (pinus e ponteira de pinheiro), tornou-se necessário melhores condições de locomoção em substituição ao tropeirismo e, assim, surgiu a necessidade de implantação de uma estrada de ferro na região. No ano de 1945, foi inaugurado as edificações da ferrovia e a Estrada de Ferro⁵ para

³ Data referente aos relatos do Blog do Góes, site criado por moradores do Distrito, como forma de compartilhar a história local da região, já que a região possui uma carência de documentos oficiais.

⁴ Depoimento do historiador Murilo Teixeira. Disponível em: <https://goo.gl/o2KZxS>. Acesso em 12 jun 2018.

⁵ Reportagem Folha da Manhã (São Paulo) sobre a inauguração. Disponível em: <https://goo.gl/tu2zfY>. Acesso em 20 out 2017.

escoamento da exploração de madeira para o Porto Paranaguá, momento que marca o surgimento do Distrito no estado, passando a se chamar Góes Artigas⁶.

O transporte ferroviário era muito importante, tanto para a economia local quanto para o transporte de passageiros, que começou em 1951. Nessa época, as condições das estradas de terra eram miseráveis. Até o início de 1980, a linha férrea ganhou importância trazendo passageiros de Ponta Grossa à Guarapuava, além de funcionar como ponto de manutenção dos trens, onde eles eram reabastecidos com água e lenha, funcionando até 1983.

Porém, com o complexo processo de exploração dos recursos naturais pelas empresas madeireiras, o ciclo da madeira foi diminuindo na região e muitos moradores migraram para as cidades vizinhas em busca de novas oportunidades de trabalho, provocando um esvaziamento na comunidade e abandono da Vila Ferroviária. Tanto é que o município que o Distrito faz parte (Inácio Martins), atualmente, possui o 5º pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Paraná. Góes Artigas conta com mais de 100 famílias que vivem no campo através da cultura rural local. Criação de animais, produção de leite e alimento agroecológicos são alguns exemplos de agricultura familiar desenvolvida na região.

Em 2017, moradores construíram uma Casa da Cultura⁷ com o propósito de reunir a história do Distrito. Localizada na antiga e abandonada Vila Ferroviária, um dos objetivos é organizar fotografias e documentos que recuperem trechos da história da comunidade.

A magia do gatilho da memória

A realização do trabalho foi mediante apoio e fundamentação teórica de duas linhas: história oral e do Uso da Fotografia Como Disparadora do Gatilho da Memória. Segundo Hoffmann (2011, p. 206), citando Thompson (2002, p. 26), a história oral permite que se resgate a multiplicidade original de pontos de vista, sobre uma realidade complexa e multifacetada, além de auxiliar na descoberta “de documentos escritos e fotografias que de outro modo não seriam localizadas”. Thompson (1992, p. 44) ainda diz que depoimentos orais têm capacidade de dar voz às pessoas que vivenciaram os acontecimentos passados – e que na maioria das vezes são esquecidas pela historiografia

⁶ Homenagem ao engenheiro que projetou a estrada de ferro.

⁷ A Casa da Cultura conta com um acervo fotográfico reunido por moradores e ex-moradores da comunidade. O objetivo é conseguir um número maior de fotos para enriquecer a história da região.

oficial – gerando, assim, um sentimento de pertencimento a determinado lugar e a determinada época.

Além das fontes escritas e iconográficas poderíamos lembrar os depoimentos e entrevistas posto que decorre diretamente do que foi detalhado ante a necessidade de se entrevistar descendentes dos fotógrafos do passado, se porventura existirem. O mesmo procedimento se faz necessário junto às pessoas da comunidade que podem trazer pistas para a identificação dos cenários e personagens retratados nas imagens, bem como os estudiosos familiarizados com os conteúdos dessas mesmas imagens. (KOSSOY, 2001 p. 71)

Segundo Hoffmann (2014, p. 68), a proposta metodológica do Uso da Fotografia Como Disparadora do Gatilho da Memória, trabalhada no grupo de pesquisa *Comunicação e História* da Universidade Estadual de Londrina, é aplicada, de preferência, em cidades de recente colonização, tendo como proposta a utilização de fotografias durante entrevistas com os primeiros moradores para “trazer à tona lembranças sobre a cidade e seu passado, recuperando lacunas da história”. Sendo assim, a proposta é utilizar fotografias para despertar lembranças latentes e disparar o gatilho da memória do entrevistado em pesquisas de recuperação de dados históricos.

Quando se entrevista uma pessoa de forma tradicional, com a dinâmica de perguntas e respostas, nota-se que, vez ou outra, os entrevistados permanecem contidos em suas respostas, considerando principalmente que para esse tipo de pesquisa, os entrevistados são pessoas idosas, agentes construtores da história de uma cidade ou região. Em razão disso, Boni (2017, p. 6) explica que os pesquisadores imaginavam que os entrevistados sabiam mais do que expressavam, que era possível conseguir informações valiosas para a recuperação da memória e da história da região, além das frequentes respostas curtas.

Por vezes, porém, os pesquisadores observaram que o simples fato de mostrar uma fotografia de época aos entrevistados mudava completamente o comportamento deles, assim como o envolvimento com a pesquisa e a interação com o entrevistador. A fotografia precisa despertar lembranças que “dormiam eternamente” na memória dos entrevistados e eles se sentiam mais à vontade para falar. (BONI, 2017 p. 6)

Neste artigo, o entrevistado selecionado foi indicado por alguns pioneiros para contribuir na leitura da fotografia selecionada.

A fotografia e seus indícios

A fotografia da Figura 1 foi selecionada no acervo fotográfico da Casa da Cultura de Góes Artigas, idealizado pelos moradores da comunidade. Ela está apenas datada com o ano de 1961, com a legenda “*ANOS 60 – Vista parcial do centro da comunidade de Góes Artigas. Gentileza: Felipe Toledo*”, sem o crédito para quem fez o registro, apenas de quem a possui, realidade de muitas das imagens encontradas no material fotográfico coletado pela comunidade.

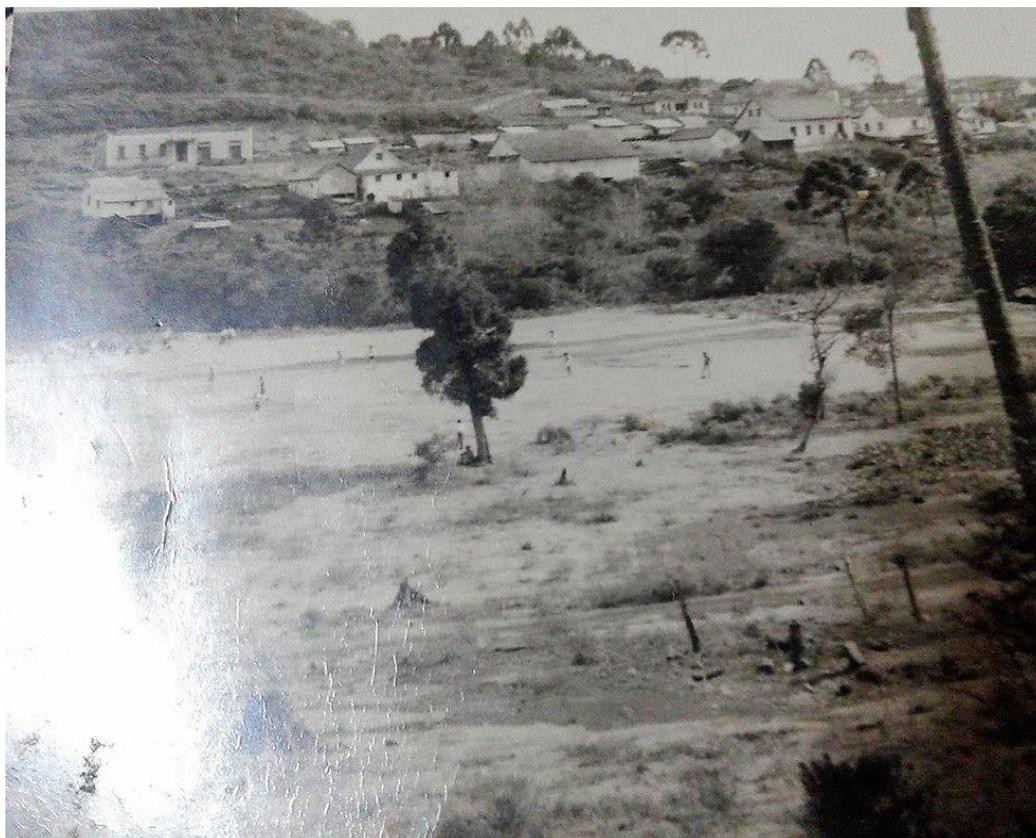
FIGURA 1 – Vista parcial do centro da comunidade de Góes Artigas



Fonte: Acervo Fotográfico Casa da Cultura de Góes Artigas

Em um primeiro momento, é possível perceber algumas casas de madeira, estradas e caminhos de chão e uma mata ao fundo, supostamente uma região de moradores. Porém, como Burke (2004, p. 237) sugere, “uma série de imagens oferece testemunha mais confiável do que imagens individuais”, pois nos ajuda a contextualizar a imagem, oferecendo pistas com informações e detalhes pequenos significativos. Por isso, o autor percebeu a necessidade de buscar por outros registros que auxiliassem no entendimento da imagem, se aquele vilarejo era constituído apenas por casas de moradores, se havia algum comércio ou igreja, por exemplo. Durante as buscas, uma segunda fotografia foi encontrada para servir de apoio à leitura da Figura 1.

FIGURA 2 – Vista do campo de futebol de Góes Artigas

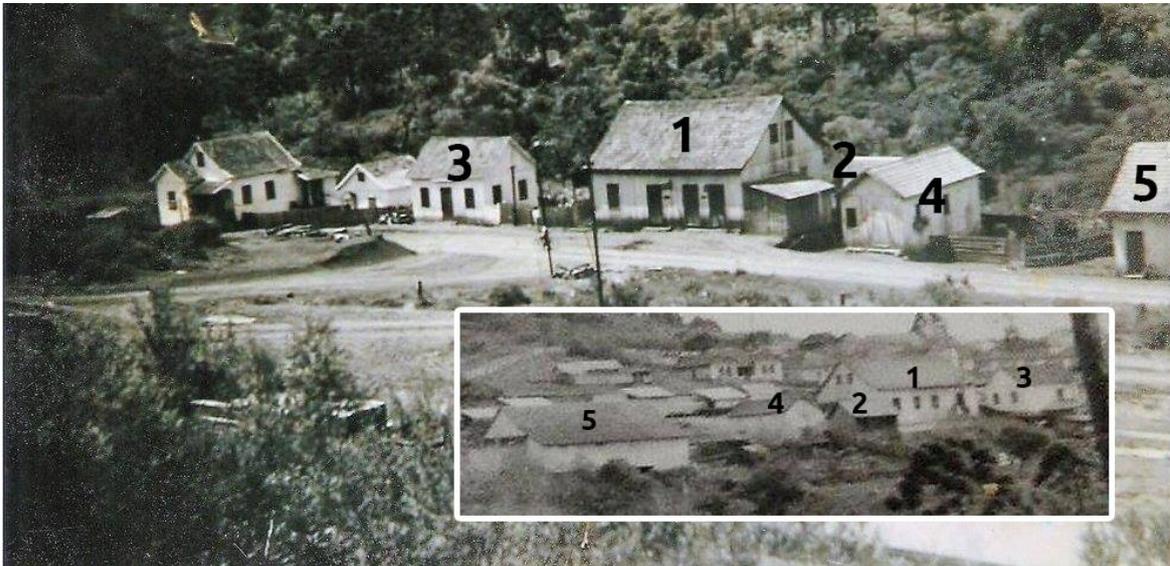


Fonte: Acervo Fotográfico Casa da Cultura de Góes Artigas

Na fotografia da Figura 2, datada apenas como sendo do ano de 1960, com a legenda “*Vista do campo de futebol de Góes Artigas, ao fundo Vila Ferroviária e demais casas do centro da comunidade. Gentiliza: Mara Rosana Polzin Druciaki*”, é possível encontrar no canto esquerdo a Estação Ferroviária de Góes Artigas, que deu início à comunidade. No outro extremo, o da direita, é possível ver os fundos das casas que estão na Figura 1, mostrando ser um local próximo à estação e, supostamente, de alguma relevância pela proximidade.

O formato da casa maior (assinalado com o número 1, na Figura 3) com as duas janelas na lateral e sua estrutura, as duas casa menores (indicados como 3 e 4 na Figura 3) e as duas janelas de uma delas, a estrutura em madeira (assinalada com o número 2 na Figura 3) com uma cor escura e a ponta da casa na direita (apontado com o número 5 na Figura 3) foram decisivos para compreender que as imagens conversavam e que tratavam do mesmo lugar.

**FIGURA 3 – Gráfico para compreender a Figura 1, com apoio imagético da
Figura 2**



Fonte: Arte montada pelo autor

Sendo assim, o que motiva esse artigo e alguns dos pontos de interesse da pesquisa do autor são as seguintes perguntas: o que eram as edificações e quais memórias despertam com a Figura 1?

Portela, um pioneiro

A seleção do personagem se deu através de sugestões dos próprios moradores da comunidade, os quais alegaram que o “Portela” trabalhava em uma “vendinha” próxima à Estação Ferroviária. Antônio Acir Portela, 67 anos, nasceu em São Domingos⁸ (distrito vizinho), foi para Góes Artigas com 8 anos em 1959 para estudar e permaneceu até os 16 anos, quando saiu em razão de uma oportunidade de trabalho em uma cidade vizinha, chamada Zatarlândia e, futuramente, veio morar em Guarapuava, onde permanece até hoje.

Durante a entrevista, Portela compartilhou suas lembranças desde o início no Grupo Escolar Santana, com a professora Nair Bastos Duciatry, até os últimos anos antes de se mudar, quando já trabalhava na casa de comércio do seu cunhado, aquela construção maior, assinalada com o número 1 na Figura 3. Ele explica que o comércio antes era de outra pessoa e que, posteriormente, foi vendido para o seu cunhado.

⁸ Distrito de Inácio Martins que fica aproximadamente 16 km de distância de Góes Artigas.

Segundo ele, não havia nenhuma placa ou nome do estabelecimento, que era uma venda de “secos e molhados” e que havia uma dinâmica de funcionamento para “prender” o consumidor.

Chegava gente comprar lá, você ia vendendo as coisas para ela [...]. Por exemplo, chegava a pessoa e você atendia, via o tecido que a pessoa queria, o calçado e depois vinha para cá escolher os doces. Depois eles traziam as vasilhas para pegar trigo, farinha, sal e outros condimentos, daí falavam ‘2kg de açúcar’ ou ‘5kg de açúcar’ e pesava na balança de peso. Depois, tinha a banha, daí ia para o fumo de corda [...] ‘quantas gramas?’ a gente já sabia até cortar 100g, cortava bem certinho. E, por último, o querosene para depois lavar a mãe com sabão. Era todo um processo para você não pegar primeiro no produto e ficar cheirando todas as outras coisas. (PORTELA, 2018)⁹

Quando questionado se havia movimento no armazém que trabalhava, por ser perto da Estação Ferroviária, o entrevistado conta que a clientela era apenas de moradores do Distrito de Góes Artigas e de quem passava pela estrada, mas não dos passageiros que viajavam de trem. Isso acontecia, segundo Portela, porque havia uma mulher, conhecida como Dona Cibila, vizinha da casa de comércio, que fazia suspiro, sonho e encapotado para vender para os viajantes assim que o trem parasse para abastecer na comunidade.

Encapotado era um bolo grande, onde ela colocava até coxa de galinha, daí fazia aquele ‘encapotadão’. A gente comprava e era uma surpresa, às vezes podia ser até uma costela de galinha. Ela vendia e montava a banquinha dela na Estação Ferroviária, era só ela que vendia, de manhã e à noite. (PORTELA, 2018)¹⁰

O depoimento do personagem já revela que o trem passava duas vezes pela região, entre às 7 horas e 7 horas e 30 minutos da manhã, no trajeto Guarapuava x Irati, e mais tarde novamente, às 18 horas quando voltava para Guarapuava.

Então, o elemento X

Para o entrevistado, o processo de entrevista oral a respeito da comunidade está terminando, pois o roteiro de perguntas vai sendo finalizado. Porém, é nessa

⁹ PORTELA, 2018 – Entrevista com Antônio Acir Portela, concedida na casa do entrevistado, em Guarapuava (PR), dia 11 de Junho de 2018. Gravação em áudio.

¹⁰ PORTELA, 2018 – Entrevista com Antônio Acir Portela, concedida na casa do entrevistado, em Guarapuava (PR), dia 11 de Junho de 2018. Gravação em áudio.

oportunidade que se aplica a outra fase do Uso da Fotografia Como Disparadora do Gatilho da Memória.

Boni e Teixeira (2014, p. 49) explicam que é nesse segundo momento, quando o entrevistado finaliza as informações orais, que “o portfólio de fotografias lhe é apresentado, de preferência uma a uma”. Sendo, então, o momento em que o investigador deve ouvir e analisar essas novas formas narrativas que, agora, conversam num “mergulho nas realidades fotográficas”.

Assim, o entrevistado foi convidado a ver algumas fotografias de Góes Artigas. No momento em que lhe é mostrada a fotografia da Figura 1 e a outra de apoio, ele estranha pela angulação diferente da segunda imagem, mas concorda que ambas tratavam da mesma localidade. A partir desse momento, Portela passa a lembrar de algumas coisas que não havia compartilhado anteriormente, reforçando a ideia metodológica de que ao ver uma fotografia, o entrevistado se lembra de muitas informações (nomes, lugares, eventos e “causos”) que normalmente não se lembraria se fosse entrevistado pelo método de entrevista tradicional.

Enquanto descrevia detalhadamente a casa de comércio, mostrando que mesmo sem nenhuma placa, “a referência dali era o armazém”, conta que era um lugar muito grande, pois seu cunhado morava com a família no ambiente. A estrutura de madeira escura junto ao armazém (assinalado com o número 2 na Figura 3) era a garagem por onde os caminhões estacionavam para descarregar os produtos do estabelecimento e, também, era o caminho para se ter acesso ao porão da casa. Além disso, ao lado dessa estrutura, apontou para a residência da Dona Cibila (assinalado com o número 4 na Figura 3) que, agora, ilustrava o que já havia compartilhado anteriormente.

Entretanto, enquanto Portela observava a imagem, lembrou que do outro lado do estabelecimento, em uma pequena área, havia uma “telefônica¹¹” para toda a comunidade de Góes Artigas, supostamente a única forma de telecomunicação da época.

A telefônica, por exemplo, naquele tempo não tinha telefone, então, quando chamavam alguém, tinha a telefonista que falava ‘Pois não? Quer falar com alguém? Vou chamar ele’, então ia chamar ou dizia ‘Liga daqui uma hora’, então depois a pessoa ligava. Ela ficava meio fora do armazém, entrava pela área. (PORTELA, 2018)¹²

¹¹ Telefonista - pessoa responsável por atender as ligações para o Distrito.

¹² PORTELA, 2018 – Entrevista com Antônio Acir Portela, concedida na casa do entrevistado, em Guarapuava (PR), dia 11 de Junho de 2018. Gravação em áudio.

Para Hoffmann (2014, p. 71), essas descrições dos entrevistados e a descoberta de fatos que passariam despercebidos permitem “complexificar o aspecto social, contextualizar e reconstituir a visão da época”, estabelecendo o sujeito como protagonista do processo. Então, por fim, outra memória que reaparece foi a respeito da casa na extrema direita da Figura 1 (apontado com o número 5 na Figura 3), a qual vemos apenas uma pequena parte dela, mas que a Figura 2 oferece uma perspectiva diferente mostrando os fundos e o tamanho.

No início da conversa, Portela destacava que havia apenas casas ao redor do estabelecimento que trabalhava, mas com as imagens na mão, o entrevistado lembra que essa estrutura na verdade era um clube de festas, que levava o nome de Clube de Góes Artigas. Um estabelecimento onde aconteciam os bailes da comunidade que, segundo o entrevistado, todo o povoado da região vinha até o Distrito para as matinês aos domingos. “Vinha gente de Zatarlândia (...) vinha de tudo quanto é lugar. Vinha gente de caminhão dos Papagaios para os bailes”.

Considerações finais

Percebe-se que mesmo se tratando apenas de uma única imagem, com apoio de uma segunda, é possível conseguir ricas descrições a seu respeito. No acervo da Casa da Cultura de Góes Artigas, ela possui apenas uma pequena referência sobre o “centro” da comunidade, mas nada havia sobre o que era esse lugar, o que havia naquelas casas e quem eram as pessoas que ali viveram. Como resultado da investigação à pergunta lançada – o que eram as edificações e quais memórias despertam com a Figura 1? – foram levantados lembranças sobre uma comunidade através do relato oral acompanhado do documento imagético.

Assim como o comércio era uma referência no Distrito, mesmo sem nenhuma identificação, o entrevistado também foi uma referência sobre as memórias daquela região, pois seu nome surgiu pela indicação de outros moradores.

Kossoy (2001, p. 155) explica que um fragmento da realidade quando fotografado é gravado na fotografia, representando o congelamento do gesto e da paisagem, sendo uma forma de perpetuar aquela memória e momento. Atualmente, esse “centro” não existe mais, pois deu espaço para novas casas, criando uma outra realidade, demonstrando que “a cena registrada na imagem não se repetirá jamais”.

De fato, apenas duas imagens (Figura 1 e Figura 2) foram utilizadas na produção desse trabalho, notando que possivelmente com um portfólio com um número maior de fotografias, resultados melhores seriam atingidos. Por isso, é importante considerar que há outras imagens a serem selecionadas e pesquisadas com maior aprofundamento durante o Mestrado em Comunicação do autor.

Essas pequenas lembranças contam um pouco sobre o Distrito de Góes Artigas e mostram que imagens e testemunhas orais são uma forma de evidência histórica, “nos permitindo imaginar o passado de forma mais vívida” (BURKE, 2004, p. 17). Uma comunidade que teve um papel importante durante 1950 até 1983 e que parece ter sido deixada de lado após o fim de sua Estação Ferroviária, reúne agora um acervo fotográfico pronto para comunicar algumas histórias.

Referências

- BONI, P. C. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. São Paulo: Tese (Doutorado) ECA/USP, 2000.
- BONI, P. C.; TEIXEIRA, J. O. A proposta metodológica do uso da fotografia como disparadora do gatilho da memória. In: BONI, P.C. (Org.). **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, p.43- 65, 2014.
- BONI, P. C. **A Fotografia Como Ferramenta Para a Recuperação da História e da Memória**. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2017, Curitiba (PR). Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2017.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.
- HOFFMANN, M.L. Fotografia, gatilho de memórias. In: BONI, P.C. (Org.). **Fotografia: múltiplos olhares**. Londrina: Midiograf, p. 202- 229, 2011.
- HOFFMANN, M.L. A fotografia aliada à história oral para a recuperação e preservação da memória. In: BONI, P.C. (Org.). **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, p. 67- 96, 2014.
- KOSSOY, B. **Fotografia e História**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: a história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Sites Consultados

BLOG DO GÓES. Disponível em: <https://goo.gl/gR8cRU>. Acesso em 21 mai. 2018.

CASA DA CULTURA. Disponível em: <https://goo.gl/3CtSD6>. Acesso em 21 mai. 2018.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Disponível em: <https://goo.gl/FXSE6p>. Acesso em 16 out. 2017.